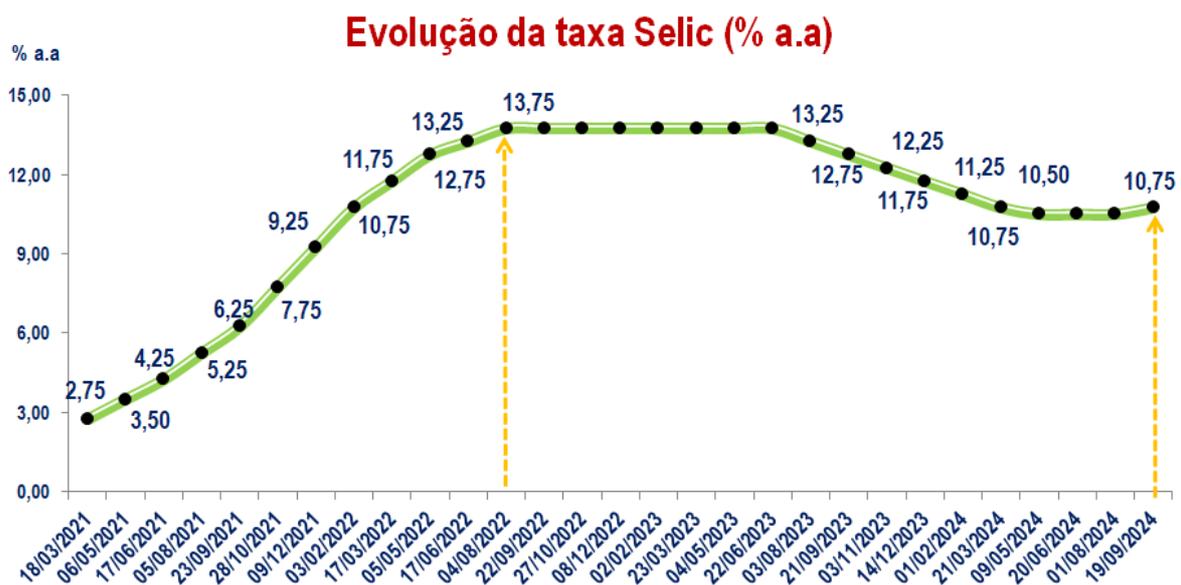


Copom promove a primeira alta da Selic desde agosto/22

Após seis quedas, e duas manutenções consecutivas, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central aumentou a taxa de juros de 10,50% a.a. para 10,75% a.a.. Esta elevação, que foi a primeira registrada desde agosto/22, aconteceu após a economia brasileira surpreender positivamente e crescer 1,4% no 2º trimestre/24 em relação aos primeiros três meses do ano, conforme os dados do Produto Interno Bruto (PIB) divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).



Fonte: Banco Central do Brasil.

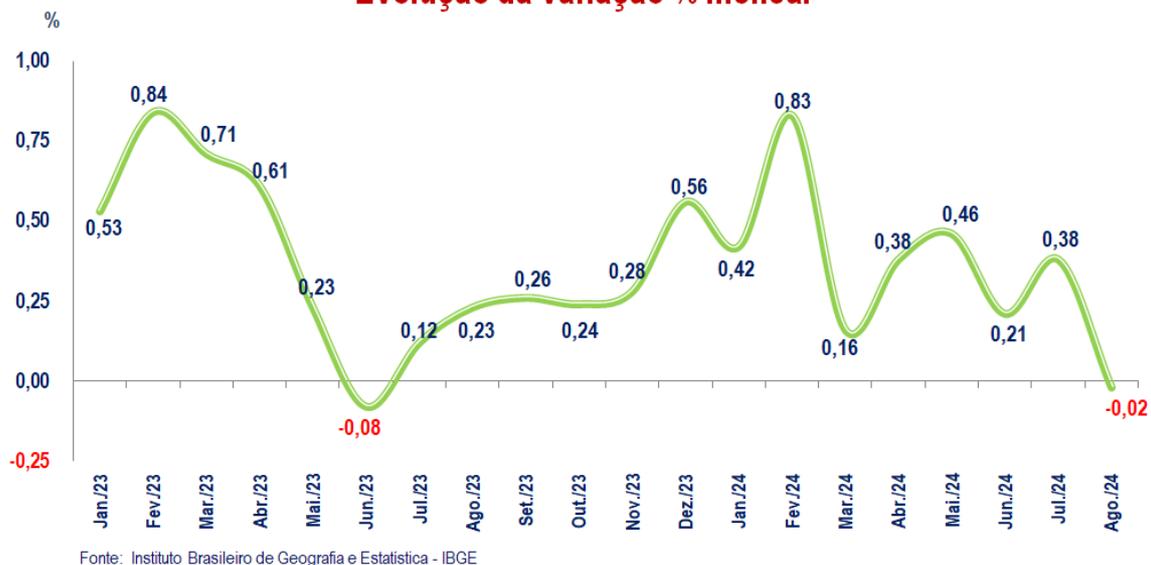
O aumento da Selic já era aguardado por grande parte dos analistas de mercado. Depois da divulgação do PIB do 2º trimestre/24 as projeções para a Selic começaram a se elevar. Conforme a Pesquisa Focus, divulgada semanalmente pelo Banco Central, a referida taxa encerrará o ano em 11,25%. Isso significa, então, que se espera novos aumentos dos juros nos próximos meses. Conforme os analistas, os juros devem continuar em expansão até o início de 2025 em função do câmbio depreciado, incertezas sobre as contas públicas, economia em expansão, mercado de trabalho aquecido e expectativas de inflação que se encontram acima do centro das metas fixadas, ou seja, estão desancoradas.

Evolução da Expectativa da Taxa SELIC (% a.a) para 2024 Pesquisa Focus - Banco Central



Em relação a inflação é preciso considerar que o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), calculado e divulgado pelo IBGE e que é o indicador oficial das metas de inflação no Brasil, foi de -0,02% em agosto/24, o que correspondeu a um recuo de 0,40 ponto percentual em relação a julho. Esta foi a primeira taxa negativa observada no indicador desde junho/23 (-0,08%). Assim, após atingir alta de 4,5% no período de 12 meses encerrados em julho/24, o IPCA/IBGE arrefeceu para 4,24% nos 12 meses encerrados em agosto/24.

IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) Evolução da variação % mensal



A última edição da Pesquisa Focus (13/09) estimou que o IPCA encerrará 2024 com alta de 4,35%, resultado que fica acima do centro da meta para este ano (3%), mas abaixo do seu teto (4,5%).

Estudo realizado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) revela que cada ponto percentual a mais na taxa Selic representa cerca de R\$40 bilhões por ano em despesas com juros, ou seja, é prejudicial às contas públicas do País. Portanto, os juros altos acabam alimentando as dificuldades que o País vivencia hoje para solidificar o seu crescimento econômico.

Num momento em que vários países caminham para a redução das suas taxas de juros, o Brasil vai na direção contrária e aumenta suas taxas. Com isso, ele continua no ranking dos países com maiores juros reais do mundo. O Banco Central Europeu recentemente reduziu os seus juros. O Federal Reserve (FED), o banco central dos Estados Unidos, também promoveu um corte, em 18/09, nos seus juros, a primeira redução dos últimos quatro anos. O corte foi de 0,50 ponto percentual, o que levou os juros no País para a faixa de 4,75% a 5% ao ano. Essa redução pode contribuir para aliviar a pressão sobre o câmbio no País e, conseqüentemente, sobre a inflação.

Sempre é importante destacar o quanto os juros altos inibem os investimentos produtivos, que são os responsáveis por grande geração de renda e emprego. Quanto mais eles crescem mais os investimentos se deslocam para o mercado financeiro. Depois de cair 3,0% em 2023, os investimentos cresceram 4,2% no primeiro semestre/24, na comparação com igual período do ano anterior. No 2º trimestre/24, em relação aos primeiros três meses do ano, o aumento foi de 2,1% e foi um dos destaques do PIB neste período.

O aumento dos juros preocupa a Construção Civil. Depois de registrar queda de 0,5% em suas atividades em 2023, o setor aguarda crescimento de 3,0% em 2024. Entretanto juros altos podem adiar ou até mesmo cancelar investimentos, o que pode contribuir para inibir as suas atividades. O crescimento econômico sustentado da economia brasileira só acontece com a aceleração dos investimentos. O custo excessivo do crédito com uma alta taxa de juros e com spreads bancários elevados em nada contribui para ajudar o País a sustentar o seu desenvolvimento.

Econ. Ieda Vasconcelos